

GENEALOGIA

FAMÍLIA QUEIROZ — FERREIRA DE BEBERIBE — OS
FACÓS — TURBULENTOS E TRÁGICOS

BOANERGES FACÓ

VI

Manuel Pereira de Queiroz, que veio para o Brasil em 1630, Antônio Duarte de Queiroz, em 1685, e Inácio Pereira de Queiroz Lima, em 1710, os ascendentes mais remotos, vindos de Portugal, da família Queiroz do Ceará, foram três cidadãos profundamente pacíficos que viviam para as suas famílias e haveres. Mas em época posterior à existência dêles, a 14 de julho de 1789, deu-se a queda da Bastilha — o símbolo do despotismo encarnado nas monarquias absolutas de Luís XIV e Luís XV na França e de Carlos V e Filipe II na Espanha.

Os princípios e idéias que levaram o povo francês à revolução haviam feito a sua viagem de “circundomínio” no mundo civilizado, de que resultou a independência das colônias inglesas da América do Norte (1776), quase três lustros antes da “grande revolução”, que se achava em estado latente e inflamava a alma dos demais povos americanos dependentes de metrópoles européias. Todos êles se empenharam em lutas decisivas e sangrentas contra os povos descobridores e colonizadores da velha Europa no Novo Mundo.

Estabeleceu-se por tôda parte a luta entre os colonos e os nativos. As violências dos primeiros cederam ao trabuco e represálias dos segundos. Surgiram os movimentos libertadores na América do Sul, à semelhança do que se dera na América do Norte. Lá haviam surgido George Washington, Tomás Jefferson, Benjamin Franklin, que subtraiu o raio à natureza e viveu em íntimos contactos com Lafayette na França revolucionária contra a Inglaterra conservadora, e outras grandes figuras libertadoras. Na América do Sul surgiram Pedro I, José Bonifácio, Simon Bolívar, Antônio José de Sucre, José de San Martín e outros libertadores no arrebatamento aos cetros peninsulares a independência política das colônias sul-americanas.

Do alto emanava a “injustiça” ao invés da “justiça social”, que devia amparar os súditos e governados. Mas a independência entre nós não fêz desaparecer as violências e a opressão. Daí, em regime constitucional, a Confederação do Equador e a Abdicação, como no absolutismo, sucederam à Inconfidência Mineira e a Revolução de 17. Assim continuou a luta pela liberdade, como existira para a independência. A falta de justiça e de amparo da lei provocara no Ceará as lutas entre Araújo e Maciéis, Cavalcantes e João André, José Leão e Patacas e sobretudo entre Montes e Feitosas.

Era o dia dos potentados dos sertões. Nada escapava à lei do “baraço e cutelo”. Assim é que no recanto bucólico, pacífico e remansoso do Barro Vermelho, às margens do Banabuiú, na zona jaguaribana, onde residia e pregava a ordem e a paz o feliz casal Inácio Pereira de Queiroz Lima e Francisca Cavalcante Vasconcelos de Queiroz, surgiu o turbulento Francisco Pereira de Queiroz — o nono filho do casal, em cujas veias corria o sangue do bondoso e ordeiro português e da altiva, virtuosa e destemida mulher, que vivia para o lar, para o marido e para os filhos, mas que trazia, em recalques, justas e profundas animosidades contra os Britos, pardos do Jaguaribe, e da “justiça” da época, de que tratei no 3º capítulo deste livro.

Francisco Pereira de Queiroz, moço rico, destemido e vo-

luntarioso, teve por bem pôr a sua riqueza, vontade e destemor na proteção dos fracos, embora as suas atitudes tivessem por exercício violência, às vezes, desumana. As atitudes de Francisco Pereira foram contagiantes ao espírito de Manuel Pereira de Queiroz, décimo filho do casal de Barro Vermelho, que acompanhou o irmão nas suas violências e crimes. Francisco Pereira tornou-se, como diz Esperidião de Queiroz, "um verdadeiro espadachim temido em tôda a ribeira".

Há passagens na vida de Francisco Pereira que o definem. Havia, em Várzea Grande, na ribeira do Palhano, um homem mau e perverso, que tinha por hábito maltratar e castigar os que lhe eram subordinados, conhecido por Pai Francisco. O moço Queiroz, embora rico, fêz-se de vaqueiro em Várzea Grande. Pai Francisco ficou logo contra o novo vaqueiro que lhe não queria cumprir as ordens. Francisco Pereira, na primeira oportunidade, aplicou forte surra no mulato Pai Francisco que se corrigiu de seus maus e perversos costumes, enquanto Francisco Pereira deixava a vaqueirice...

Manuel Pereira ofendera uma moça de família inferior à sua. A justiça perseguiu-o, sem que a família lhe tomasse a defesa, de vez que condenava o ato reprovável. Ao tempo estava na Bahia Francisco Pereira, que, levado por preconceitos de raça, aconselhava o irmão que não casasse. Manuel Pereira contraiu matrimônio com a ofendida com quem vivia feliz. Francisco Pereira, de volta da Bahia, formulou um passeio, entre Jaguaribe e Banabuiú, com o irmão e a cunhada. Dêsse passeio não mais voltou Maria Madalena e nem a justiça lhe descobriu o paradeiro...

Os dois irmãos ficaram sobremodo visados pela justiça, razão por que se mudaram para a Bahia, em cuja sede de governo viviam bem. Certo dia, porém, Francisco Pereira viu um velho forte, casado com uma mulher moça e bonita, surrar a própria mulher. Francisco Pereira, revoltado com o ato do velho, caiu sôbre o surrador, tomou-lhe a vítima das mãos e deu-lhe alguns trompaços. Dada a importância que tinha o velho na terra, os dois irmãos homiziaram-se na mata de São João, na casa do vigário a quem contaram o que se passara em

Salvador. O padre gozou com a narrativa, mas por trás mandou dizer ao velho surrado que os irmãos Queirozes estavam em sua casa.

Não tardou o resultado da denúncia. Veio, sem perda de tempo, uma escolta que os levou presos para a sede da Capitania, onde estiveram muitos dias detidos. Uma vez soltos, passaram por São João e mataram o vigário. Por êste crime revoltante foram presos e remetidos para o presídio de Limoeiro de Lisboa.

Há em tudo isso um misto de bondade e perversidade que se chocam...

Jáder de Carvalho, falando sobre Francisco Pereira, escreve: "Rapazes turbulentos — respondi — era o que não faltava no Nordeste colonial, principalmente no Nordeste pastoril. Como a senhora sabe, no século dezoito, e ainda um bom pedaço do século dezenove, o sertão era agitado, em suas raízes sociais e políticas, pelos grandes senhores rurais, donos de *fazendas* que mais pareciam verdadeiros países. Tais senhores fundavam o seu poder no domínio absoluto da terra e da plebe que os servia na vaqueirice, no amanho do solo e nas lutas entre famílias. Nesses latifúndios a casa forte era o sinal evidente do clima social reinante. E, dentro dêsse clima, moços valentes desempenhavam um papel que não pode ser desprezado" (*In* "Romance da Família Queiroz", no "Diário do Povo" de 31.3.1948).

João Brígido, por sua vez, escreve: "O meio social, em que se vivia, só permitia que cada um justicasse para si. A necessidade de defesa era imperiosa, e os preconceitos civis e religiosos, as profissões, tudo, enfim, dispunha à crueldade. Os índios que não tinham noções de propriedade, eram todavia *salteadores*, além de pagãos; logo, matavam-nos desapietadamente. Os brancos se atribuíam o direito *vitalis et necis* sobre os africanos. As crianças abriam os olhos, vendo matar àqueles e flagiciar a êstes, e entravam para o trabalho, endurecendo o coração na indústria única do tempo — a criação de gados, que se fazia, castrando, cerrando os chifres, jarreteando, tangendo o aguilhão, derribando e, finalmente, san-

grando no jugular. Com tal educação, matar e ser morto eram cousas triviais, além de que o homem tem coração, de um lado, — o canhoto”. (“Ceará — Homens e Fatos”, pág. 286).

Francisco e Manuel de Queiroz, quando se achavam no presídio de Limoeiro, souberam de editais em que El-Rei convocava voluntários para as lutas na África contra os negros. Eles se apresentavam como voluntários e seguiram para a luta, onde por atos de bravura foram promovidos ao pòsto de oficiais do exército português e tiveram perdão pelos crimes cometidos. Manuel Pereira casou com uma filha do comandante da Fortaleza de Goa, moça que era a mãe ou tia do Conselheiro Eusébio de Queiroz, grande vulto do 2.^o Reinado, e lá findou os seus dias; Francisco Pereira voltou ao Brasil e fixou residência na Bahia, no lugar Santo Amaro. Ali chegando, encontrou a moça que êle havia tomado das mãos do marido surrador, viúva, e com ela contraiu matrimônio. O novo casal deu origem aos Queirozes da Bahia. Tudo êle contou em carta, de 11.7.1785, a seu irmão Filipe Pereira Cavalcante, quarto filho do casal de Barro Vermelho, na ribeira do Banabuiú.

Conta-nos Antônio Cirilo de Queiroz (Genealogia da Família Queiroz) que teve de ler e reler tantas vèzes essa missiva que a decorou em tôdas as suas páginas. Guardava-a, como uma relíquia de família, a sua tia-avó Maria de Jesus, freira da Ordem 3.^a de São Francisco, que era sobrinha legítima do autor da carta, carta que Cirilo tinha ardente desejo de possuir, não só pela importância da mesma, como porque tinha grande simpatia por seu autor, mas não tinha coragem de tirá-la das mãos da freira. Tomou consigo mesmo o propósito de, por morte da tia, ficar com a carta, mas a êsse tempo Cirilo estava às voltas com a justiça de Parnaíba, assunto de que tratarei mais adiante, e a desejada carta perdeu-se, não lhe sendo mais possível obtê-la. Decerto foi rasgada, de vez que ninguém, como Antônio Cirilo, na qualidade de genealogista da família Queiroz, tinha interesse em guardá-la.

Filipe Cavalcante, a quem Francisco Pereira escrevera da Bahia, contando o que se havia passado com êle e Manuel

Pereira, depois que saíram da Bahia com destino ao presídio de Limoeiro, em Lisboa, era o quarto filho do casal de Barro Vermelho, na ribeira do Banabuiú, e moço também violento e instruído. Assim é que certa vez jantava com outros amigos na fazenda Goiana Grande, na capitania de Pernambuco, estando entre os convivas o moço Cláudio da Silva Maia, que era metido a gaiato e motejador. O prato por excelência do ágape era um cozido gordo que trazia um osso chamado "corredor". Cláudio, aproveitando o momento, disse que o Snr. Filipe, como sertanejo, é que devia saber "bater corredor", ao que retorqui Filipe que sabia. Chamou a si a travessa do cozido, arregaçou as mangas e limpou bem da carne o corredor. Levantou-se com o osso empunhado e disse que, em falta de batedor, ia batê-lo na cabeça de um atrevido, e, dizendo estas palavras, deu forte pancada na cabeça de Cláudio, que caiu ensanguentado no chão.

Miguel José de Queiroz Lima, irmão de Antônio Pereira, da Casa Forte, e de José de Queiroz, do Riacho Fundo, era homem inteligente, forte, bonito e violento. Possuía fortuna, mas era perdulário. Não guardava fidelidade à espôsa, como a maioria dos homens abastados da época. Passava todos os anos em Recife, onde muito gastava com extravagâncias e mulheres. Gostava de dizer em alta voz o que estava pensando consigo mesmo. Um dia estava deitado ao colo de uma dessas mulheres e disse: "Que estará fazendo Dona Vicência (era a mulher dêle) neste momento?", ao que lhe respondeu a rapariga: "Está, como você agora, com um homem no colo". Miguel José levantou-se furioso, deu murros na cara da rapariga, dizendo-lhe: "Se te dou confiança, não é para falares de minha mulher. Sai já daqui".

Miguel José de Queiroz teve filhos que cometeram violência, que chegaram à prática do crime. Delfino José de Queiroz, seu filho, cometeu um delito que teve causa imediata e remota. Certa vez vinha acompanhado de irmãs, de Baturité a Casa Forte, na ribeira do Sitiá, em visita aos tios e primos. Na sua passagem pelo Choró, em frente da casa de José Ferreira Carão, saiu contra os cavaleiros um cão fu-

rioso, que fêz o cavalo de uma das moças pô-la ao chão, sem que um caboclo, que estava no alpendre da casa, fizesse qualquer movimento de defesa ou auxílio. Delfino, sem dizer palavra, pôs a irmã novamente na sela e seguiram viagem. Chegados a Casa Forte, apeou as irmãs e voltou sôbre os mesmos passos à casa de Carão, onde deu cabo do caboclo. Os Queirozes já traziam Carão atravessado na garganta desde o movimento revolucionário de 1817. É que em 17, quando os Alencares passavam pela ribeira do Choró, sob o comando de Manuel da Cunha Freire Pedrosa, amarrados e algemados, nos mais atrozes e revoltantes sofrimentos, Antônio Pereira, da Casa Forte, e seu filho Miguel Francisco foram ao encontro dos presos.

Antônio Pereira, diplomático e hãbilmente, fêz sentir que os sofrimentos, por que iam passando os presos, poderlhes-iam causar mesmo a morte, o que muito revoltaria, decerto, o Governador Sampaio. Êste, naturalmente, desejava apresentar os presos sãos e salvos à justiça para os devidos castigos. Pedrosa, atemorizado com o que pudesse acontecer da parte do Governador pela má condução dos presos, deu-lhes boa alimentação e menos sofrimentos. Na noite seguinte os presos e a escolta pernoitaram no lugar Várzea das Bêstas, na casa de residência de Carão. Dado o menor rigor com os presos, após a palestra entre Antônio Pereira e Cunha Pedrosa, à noite os detentos fugiram.

Dado o alarme, os comandantes e soldados, guiados por Carão, que era bom rastejador, alcançaram os fugitivos na ribeira do Pirangi, quando foram, novamente, amarrados e algemados. Desde então os Queirozes ficaram prevenidos com Carão.

Outro filho de Miguel José de Queiroz, de nome Leopoldo, cometeu revoltante crime de homicídio, mas o seu irmão José Faustino, revoltado com o ato do irmão, perseguiu-o na justiça e Leopoldo acabou condenado a "galés perpétuas".

Dona Francisca Cavalcante Vasconcelos de Queiroz, casada com Inácio Pereira de Queiroz Lima, residente em Barro Vermelho, na ribeira do Banabuiú, tinha uma irmã de no-

me Bertoleza Cavalcante Vasconcelos de Queiroz, casada com o português Vitoriano Nogueira de Queiroz, casal que também fixara residência em Barro Vermelho, embora tenha tido residência em vários lugares e tenha, afinal, voltado para Barro Vermelho.

Esse outro casal Queiroz deixou descendentes espalhados por tôda parte, com bom conceito e ótimas qualidades.

Vitoriano e Bertoleza moraram por algum tempo no lugar Itans, na ribeira do Choró, onde morava um mulato muito rico de nome João de Freitas Araújo, que pelo dinheiro que lhe enchia a *burra* se julgava com direito de melhorar o sangue racial com entrelaçamentos com gente branca. Queria fazer o que tentara o mulato José Ferreira da Silva Tubarão, que pretendeu casar-se com a moça branca Helena de Oliveira Maciel, na fazenda Papagaio, no Rio Grande do Norte, filha do Capitão Joaquim Correia de Araújo e de sua mulher Anastácia Maciel de Melo, de quem já tratei no capítulo III dêste livro, sob a rubrica "Papagaio". Assim, Freitas combinou com Vitoriano o casamento de João de Freitas Filho com a filha mais velha de Vitoriano, casamento que realizar-se-ia quando Dona Bertoleza, que não concordava com o mesmo, estivesse de resguardo, de vez que estava em vésperas de dar à luz outro filho. É que Dona Bertoleza assim agia porque guardava eternos recalques do que sofreram da "justiça" e dos pardos Britos do Jaguaribe. Já estava de cama Dona Bertoleza, quando soube que o casamento realizar-se-ia à sua revelia. Chamou uma filha menor e pediu-lhe uma faca; e mandou que chamasse a filha noiva, mas esta não lhe atendeu, ou por aviso da irmã ou por conhecer o gênio violento da mãe. Realizou-se o casamento e o novo casal fixou residência em Itans, onde morava o velho João de Freitas, que de tão rico e importante tinha mesmo capelão em casa. Os fatos comprovaram mais tarde que Dona Bertoleza tinha razão de não querer o casamento da filha com o mulato e não quis mais morar em Itans, e, assim, voltou com o marido para o Barro Vermelho, onde morreram.

A segunda filha de Vitoriano e Bertoleza casou com o pernambucano Antônio Ferreira de Góis, casamento de gosto de todos.

Quando a mulher de João de Freitas Filho esperava ter filho, morreu-lhe o marido. Depois do parto o velho João de Freitas tomou o neto e abandonou a viúva. Esta, sentindo-se só e abandonada pelo velho, escreveu ao cunhado Antônio de Góis, para que a fôsse buscar de Itans para o Barro Vermelho, onde estavam novamente residindo seus pais. Góis, bondoso e solícito, com a aquiescência de todos, foi a Itans para trazer a cunhada. Quando os dois deixavam Itans a viúva disse para Góis que não queria sair dali de mal com ninguém e, assim, queria despedir-se de João de Freitas, no que foi atendida pelo cunhado. João de Freitas apareceu-lhes à porta, envolto num capote ou redingote, e, quando dava a mão a Góis, traiçoeira e perversamente, desfechou-lhe um tiro de pistola que o prostrou sem vida. Antônio Cirilo atribui o ato de João de Freitas ao fato de Antônio Góis haver feito censuras a Freitas pelo abandono em que o mulato deixara a viúva do filho.

João de Freitas, muito rico e potentado, não foi incomodado pela justiça da terra. Que se verificou em face dessa impunidade?

A viúva de Góis, numa demonstração clara e positiva do "sangue varonil" de Dona Bertoleza, que lhe corria nas veias, ante o procedimento criminoso das autoridades da Capitania do Ceará, tomou passagem em Pernambuco para Lisboa, naqueles tempos de rara navegação e de difícil travessia dos mares, para ir fazer a sua justa queixa a El-Rei de Portugal, que no momento era Dom José I. A heróica e virtuosa viúva fêz a sua queixa a quem de direito e pediu justiça contra o monstruoso delito que tão bem se acomodara nos moldes da época. El-Rei mandou ordem, não só para o Capitão-Mor do Ceará como para as demais autoridades a quem o caso interessasse, para que João de Freitas fôsse, devidamente, processado e julgado. O velho potentado foi perseguido pela justiça e fugiu para a Bahia, sendo prêso, processado e condenado pelo bárbaro crime.

Na época do crime, João de Freitas havia arrematado os díizimos da Capitania do Ceará, e, caindo em atraso nos pagamentos, em virtude da prisão, para com a Fazenda Real, os seus bens, que se estendiam pelas terras do Sitiá, Pirangi, Choró, Aracoiaba, Baturité, Aquirás e outras partes, foram à hasta pública para os devidos pagamentos à Fazenda, o que reduziu a sua fortuna à terça parte, segundo nos informa Antônio Cirilo.

Percorri tôdas as páginas do preciosíssimo manuscrito de Antônio Cirilo, que, escrito em linguagem de "campônio", conforme observa João Brígido, deve ser pôsto em português correntio e dado à publicidade, e não encontrei, infelizmente, o nome dessa heroína. Presumo que, por um lapso, escapou o nome da notável campônia à prodigiosa memória de Antônio Cirilo, porque, quando êle desconhece um fato ou acontecimento, faz declaração nesse sentido.

Simões Correia de Araújo, filho de Joaquim Correia e de Anastácia Maciel, do Apodi, e genro de Inácio Pereira e Francisca Queiroz, do Barro Vermelho, atraído pela família da mulher, mudou-se do Rio Grande do Norte para o Banabuiú no Ceará e dêste último lugar para o Sitiá, onde situou a fazenda de criar "Cruz". Na sua mudança para o Ceará, deixou no Ceará-Mirim vários bens inclusive gado bovino e cavalari. Ali voltando mais tarde para liquidar tais bens, trouxe entre outros para o Ceará um lote de dezesseis éguas pretas acompanhadas de um reprodutor prêto foreiro de ótima qualidade. Não tendo onde pôr êsses animais, entregou-os a André Vidal de Negreiros, neto do herói branco de Pernambuco contra os batavos nas batalhas dos Guararapes e casado com uma prima legítima dêle Simões. Negreiros deu-os à sorte de um vaqueiro. Na reprodução dêsses animais nasceu um poldro com as qualidades do reprodutor. Vidal quis que Simões desse essa cria à sorte do vaqueiro com o que não concordou Correia de Araújo, declarando-lhe que o daria a êle Vidal ou daria ao vaqueiro se fôssem duas crias iguais na qualidade e no sexo. Negreiros não se conformou com as justas ponderações do primo afim e lhe restituiu os equinos.

Um belo dia Simões viajava e pernoitou na Barra do Sitiá, onde no dia seguinte, pela manhã, que era domingo, assistiu missa na capelinha do lugar. Viu ali uma mulher casada por quem se apaixonou. Entenderam-se e passaram a noite juntos. André Vidal, na qualidade de juiz, teve conhecimento do adultério e fêz perseguição tenaz e revoltante contra Simões, que teve de mudar-se para o Piauí, onde moravam pessoas de sua família inclusive a velha genitora. Dizia Negreiros que mandaria Simões para o presídio de Limoeiro, em Lisboa, como acontecera com Francisco e Manuel Pereira de Queiroz, cunhados de Correia de Araújo. Na fuga para o Piauí viu-se cercado por fôrças a mando de Vidal, das quais pôde escapar. Negreiros mandou diligência contra Simões, no lugar Barras, na capitania vizinha. Correia de Araújo fugiu dali para a Bahia e fixou residência na Feira de Santana. Negreiros, sabendo da nova residência do primo afim, mandou ordem de prisão contra êle. Este último ato de perseguição foi a pétala que fêz transbordar o cálice do sofrimento. Simões ficou justamente furioso e procurou vingar-se. Voltou ao Ceará e procurou André Vidal. Este estêve um dia na Barra do Sitiá em busca de sua fazenda Maceió. Pouco depois passou por ali Simões, que teve notícia da passagem de Vidal e seguiu nos seus passos, sem comunicar a qualquer as suas intenções. Neste dia Negreiros não podendo, antes do "descambar" do sol, alcançar a sua fazenda, fêz descanso à sombra de ramalhudas juremas brancas. Simões emboscou-se com os que o acompanhavam e um de seus homens deu um tiro certo em André Vidal, que caiu morto. Acompanhavam a Vidal o genro e a filha. O genro foge e deixa a espôsa. Simões aproxima-se, a moça o reconhece e lhe diz que a mãe, prima dêle, aconselhava sempre ao marido que não perseguisse seu primo. Simões depois do crime deixa o Ceará e vai para Barras no Piauí, onde morreu.

Antônio Correia de Araújo, filho do Capitão Joaquim Correia e de Dona Anastácia Maciel, casou-se com Isabel Lopes Barreira, filha de Baltasar Barreira e Antônia Barbosa, da fazenda Quixinxé na ribeira do Pirangi. Antônio Correia, a contragosto da mulher, ficou morando com os pais que, já ve-

lhous, não quis deixar sós. Isabel teceu indisposições, que provocaram dolorosa tragédia. Um dia Antônio Correia interpelou da própria mãe o motivo por que ela falava dêles (êle e a espôsa), ao que Anastácia lhe disse que se tal fizesse estaria a falar dela mesma. No momento estava presente outro filho de Anastácia, de nome Francisco Correia de Araújo, que trabalhava com um trinchete em couro, instrumento próprio para êsse serviço. Francisco condena o irmão, de faca em punho, em tom ameaçador. Antônio lança mão de um espingarda de caça e desfecha um tiro que não atinge o alvo. Então Francisco corre sôbre o irmão e lhe vibra golpe que lhe tirá a vida. Antônio Cirilo, que tem sempre uma observação ou comentário apropriado, diz que "Isabel lhe metia (no marido) pedras nos sapatos". Francisco Correia fugiu para o Piauí, onde constituiu numerosa e importante família.

Na manhã de 12.2.1834, na fazenda Tapuiará, às margens do riacho do mesmo nome, de propriedade do Tenente de Milícias Inácio Lopes Barreira e de Joana Batista de Queiroz, realizar-se-ia o casamento da filha do rico casal, de nome Joana Batista Barreira, com o rico fazendeiro de Boa-Viagem, Luciano Domingues de Araújo, pertencente aos Araújo, que viviam em violentas e permanentes lutas com os Maciéis de Tamboril, de cujo seio provém o Antônio Conselheiro, de Canudos, na Bahia. Quando o noivo vinha com grande acompanhamento de amigos e ricos fazendeiros, de Quixeramobim em busca do solar do Tapuiará, deparou-se no caminho com uma emboscada feita por Estácio José da Gama a mando de Miguel Carlos Maciel. Gravemente ferido Luciano, foi pôsto numa rêde e conduzido para a casa da futura espôsa, que o esperava vestida de noiva, cercada das numerosas e opulentas famílias a que estava ligada. Luciano, nas vascas da morte mas no cumprimento da palavra empenhada, manifestou à noiva o desejo de que o casamento, fôsse realizado sem perda de tempo. Realizou-se o casamento na hora da morte, seguindo-se-lhe a morte do nubente e ficando a jovem espôsa donzela, que, posteriormente, casou com Francisco Alves de Lima, de quem descendem importantes famílias Queiroz-Barreira.

Quero concluir o capítulo “Turbulentos e Trágicos” com o nome de Antônio Cirilo de Queiroz, autor de memórias sobre a Família, e um dos mais violentos, intrépidos e inteligentes dos Queirozes.

Veio a falecer no comêço do presente século, maior de noventa anos, idade a que têm atingido alguns membros da família. Por sua morte, João Brígido escreveu verdadeira página antológica, cousa que a sua pena de ouro sabia fazer como ninguém. Devo transcrevê-la na íntegra, para que não se perca em coluna de jornal e como uma justa homenagem a Antônio Cirilo.

Ei-la:

“Antônio Cirilo de Queiroz.

Faleceu, na fazenda Santa Maria do Quixadá, na idade de 92 anos, êste homem, que tanto se agitou e tamanho ruído fêz na terra, no comêço da sua vida para acabar — como espécie de Nestor, e ser como um registro da história de seu tempo, da qual conservou uma perfeita memória.

Turbulência e excessos da mocidade passaram para darem idéia daquela verdade, que pregava o califa Ali: “Todos os homens semelham-se mais ao seu tempo, em que vivem, do que aos pais de que descendem”.

Os pais de Antônio Cirilo eram as criaturas mais pacatas do mundo, êle, porém, duma vivacidade e energia espantosa, atirando-se às aventuras mais perigosas, e chegando até os crimes de maior estrondo.

Depois de quedas e erros mil, com a opinião coeva, veio o arrependimento e a vida reparativa, para acabar bom homem e cidadão útil.

Ê que dormiam na natureza as boas qualidades; aquilo fôra o doidejar da bêsta mal soprada pelos exemplos e boas práticas, dizemos pelo meio social.

O homem é uma dualidade em regra — a carne, que é demônio, o espírito que se faz anjo, quando passam a dominar o fósforo e o carbono que diminuíram, fazendo baixar a temperatura da vida.

Cirilo deixou, escritas, em linguagem de campônio, muitas notícias e memórias sobre os acontecimentos do seu tempo, e uma genealogia de sua família, mui importante na política de outras eras, e com raízes nobilíssimas nos tempos.

Nossos pêsames à sua ilustre família."

Antônio Cirilo estêve dentro do postulado do califa Ali: foi mais a sua época do que a sua ascendência. Era filho de pais pacíficos e ponderados. O seu avô paterno, o Sargento-Mor José Lopes Barreira, era um homem riquíssimo e boníssimo. O seu cunhado Miguel José de Queiroz, homem violento e destemido, ficou de mal com Lopes Barreira. Numa viagem que fêz ao Rio Grande do Norte, descobriu ali que a quartavó de Lopes Barreira era a índia Piaba de Cunhaú, filha do cacique da Aldeia de Natal, que casou com o português Custódio de Brito. O pai de Piaba, depois de cristão, era Estêvão Barbosa e sua mãe Rita da Estrêla. Ela, cristã, se chamou Francisca Barbosa de Brito. Lopes Barreira não ligava a essas indisposições do cunhado. Assim é que, quando estava para morrer, Miguel José lhe devia dois mil cruzados, cujo documento êle rasgou antes da morte. O avô materno de Cirilo, o Capitão de Ordenanças Antônio Pereira de Queiroz Lima, viveu 82 anos e passou 42 anos viúvo. Durante êsses longos anos de viuvez guardou fidelidade à memória da espôsa, obrigação que, aliás, tinha cessado com a morte dela.

Antônio Cirilo de Queiroz nasceu em 8 de março de 1811 em rico berço, fêz-se homem na opulência em que viviam os seus pais na fazenda Santa Maria, na ribeira do Sitiá, de vez que secaram como nobres. José Lopes Barreira Filho, pai de Cirilo, teve de seu pai José Lopes Barreira, da fazenda Quinxé, na ribeira do Pirangi, como presente de núpcias a referida fazenda Santa Maria, e sua mãe Helena Isabel de Jesus, filha de Antônio Pereira de Queiroz Lima, da fazenda Casa Forte, também na ribeira do Sitiá, recebeu de seu pai também, como presente de núpcias, dois mil cruzados em gados. Assim, tiveram os pais de Cirilo, no ato do casamento (1808), uma das mais importantes fazendas dos sertões do Sitiá, devidamente situada. Antônio Cirilo veio a falecer já no comêço do sé-

culo presente tendo atravessado o século XIX, cheio de lutas pela liberdade, de morticínios judiciários, de enforcamentos e fuzilamentos do rei contra o povo e de extermínio de famílias por famílias. A tudo estêve presente e tomou parte nesses acontecimentos. Antônio Cirilo foi levado à prática de violências e crimes por um fatalismo da época a que não podia escapar com o seu temperamento, mocidade e coragem. A fatalidade lhe caiu em cheio em plena mocidade. Assim é que em 1835, o terceiro filho do casal de Santa Maria, Justino Antônio de Queiroz, desejando aumentar os haveres da família, comprou, em Fortaleza, ao comerciante Luís R. Samico seis contos de réis de fazendas, que foi vender no Piauí. Ali chegando em Pesqueiros, vendeu a mercadoria por atacado a Antônio das Mercês Santiago por gados de solta que iria receber no comêço do inverno futuro (1836). No devido tempo voltou a Pesqueiros para receber o gado. Quando ali chegou, Justino de Queiroz tomou a casa de um parente ali residente. Num momento em que passava em frente da casa de Mercês, êste lhe desfechou dois tiros que o prostraram sem vida. João do Carmo, arreeiro e pessoa de confiança de Justino, assombrou-se com o terrível acontecimento e voltou, em marcha forçada, com o comboio apenas em dez dias a Santa Maria, onde o triste fato causou profunda consternação e revolta. O pai de Cirilo, porém, ponderado e pacífico, procurou o Presidente da Província, José Martiniano de Alencar, a quem expôs o caso e pediu providências. Na época estava destacado na Vila Nova Del-Rei (Campo Grande) João Pereira da Silva, o famoso capitão *Cara-Preta*, a quem Alencar oficiou, mandando que fornecesse dez praças ao portador. De posse do ofício do Presidente, os irmãos Antônio Cirilo e Marcolino João de Queiroz seguiram na direção do Piauí, levando a necessária condução para os dez soldados do destacamento. Em Campo Grande Cirilo encontrou contra-ordem do Presidente, no sentido de não fornecer as praças e mesmo desarmar os portadores. Conta Cirilo que lhe faltou terra aos pés e que não precisava de Alencar para tomar um desabafo em Pesqueiros. Com jeito e dinheiro conseguiu de *Cara-Preta* prosseguir viagem com tudo

que lhe pertencia. Não encontrou em Pesquiseiros Mercês, que fugiu à aproximação de Cirilo com os seus. Os irmãos Queirozes respeitavam a mulher de Mercês. A vindita foi terrível. Mataram e incendiaram. Os irmãos Queirozes foram presos, processados e julgados pela justiça da Vila de Parnaíba, que os absolveu. Cirilo, anos depois, casa-se e põe no primeiro filho o nome de Justino, que foi o cidadão Justino Sampaio de Queiroz, que pagava letras prescritas a uma parenta milionária com o apoio de uma filha, que lhe dizia que dívida de homem de bem não prescrevia.

O ato de Alencar, mal interpretado, afastou os Queirozes de Santa Maria das fileiras do Partido Liberal. Alencar não tinha jurisdição na província do Piauí, onde Justino fôra morto, razão por que deu contra-ordem a Çara-Preta.

O Padre Antônio Pinto de Mendonça, no primeiro govêrno de Martiniano de Alencar (1834-1837), indispôs-se com o seu irmão em Cristo, e, assim, estêve contra êle no segundo govêrno de Alencar (1840-1841). Assim, Pinto de Mendonça em 1841 pôs em pé de guerra a localidade de Muxuré, pertencente à sua freguesia. (Quixeramobim). Estavam reunidos em Muxuré os melhores elementos conservadores com Antônio Cirilo à frente que com a sua corneta de guerra fêz figura e meteu mêdo nos matutos. O Presidente Alencar valeu-se de Pedro de Queiroz Lima, então comandante da Guarda Nacional, em Cascavel, para comandar as tropas legais. Pedro de Queiroz partiu sem perda de tempo para o teatro da luta com numerosa fôrça, levando como oficiais João Aires da Silva Olival, seu concunhado, e Francisco Baltasar Ferreira Facó, seu futuro genro. Quando as tropas do Presidente chegaram a Quixeramobim, os elementos revoltosos, reunidos em Muxuré, dispersaram.

O rompimento político entre Pinto de Mendonça e Alencar teve por origem: no primeiro govêrno de Alencar vagou a paróquia de Fortaleza, que Pinto desejava e que coube a Peixoto de Alencar, primo do Presidente, por quem Alencar trabalhou.

Antônio Cirilo esteve em Muxuré contra o tio legítimo Pedro de Queiroz Lima (pela primeira vez membros da numerosa e opulenta família Queiroz lutavam em campos opostos), com quem lutou nas guerras contra Pinto Madeira.

Vem ainda a propósito de Cirilo o “fogo do Tartaruga” de que ele foi participante, ou pelo menos, a que esteve presente.

A situação liberal do Ceará, que sucedeu à Maioridade, foi de curta duração.

O Senador Alencar, que foi figura de prola no movimento de 23 de julho de 1840, preferiu a presidência do Ceará a qualquer outro alto cargo a que fizesse jus. Decerto desejava continuar a beneficiar a terra natal, como fizera na primeira administração. Mas o seu segundo governo foi curto e de lutas, pouco podendo fazer administrativamente. Sucedeu-lhe no governo o Brigadeiro Coelho, em que o ódio conservador encheu a Província de lutas e de crimes, chegando a ser barbaramente assassinado o Major Facundo, de emboscada, na sua própria casa de residência... Com a nova situação ficou de cima Antônio Cirilo e debaixo os demais Queirozes, quando se deu o caso do Tartaruga.

Vicente Morais Rêgo casou-se com uma filha de Antônio Pereira da Casa Forte, de quem não teve filhos. Por morte de Maria Leandra de Queiroz, Morais Rêgo casou-se em segundas núpcias com Maria Alves Feitosa, de quem nasceu Manuel de Morais Rêgo — o Tartaruga. Por morte de Morais Rêgo, Maria Feitosa casou-se com Francisco Sabino de Queiroz, filho também de Antônio Pereira, da Casa Forte, de quem não teve filhos. Assim, os pais de Tartaruga casaram-se com dois membros da família Queiroz, sem que ele fosse Queiroz. Por morte de sua mãe, Tartaruga suscitou questões de herança com o padrasto Sabino de Queiroz, que se entendeu com os sobrinhos Antônio Cirilo e Marcolino João, para que conseguissem um entendimento amistoso com Tartaruga. Os sobrinhos de Sabino prestaram-se de boa vontade, mas nada conseguiram de Tartaruga, que era mau e rixento. Os dois moços de Santa Maria

levaram Tartaruga prêso para a Fortaleza, de quem tinham recebido fortes injúrias. No primeiro descanso, na lagoa da *Ponciana*, na fazenda Flora, Tartaruga portou-se de tal modo que um dos seus condutores lhe deu um tiro no ouvido que o prostrou sem vida. Marcolino foi processado e julgado por êsse crime. No célebre júri de abril de 1856, em que foi condenada Dona Maria Lessa, a Dona Guidinha do Poço, na Vila de Campo Maior de Quixeramobim, Marcolino foi julgado e absolvido pelo crime do Tartaruga. "Antiga Família do Sertão" de Esperidião de Queiroz traz um capítulo sôbre êsse crime. (Vide "Fastos do Ceará", de Boanerges Facó, Rev. do Instituto do Ceará, ano de 1858, págs. 46 *usque* 58).

Antônio Cirilo não voltou mais ao seio do Partido Liberal, mesmo no comêço da República, no govêrno do primo General Clarindo de Queiroz. Votou, na eleição de senadores estaduais, no primo legítimo Dr. Arcelino de Queiroz por uma troca de chapas, hábilmente feita, pelo parente comum dos dois, Eduardo Caúla. Cirilo, então, já tinha 80 anos.

Os filhos mantiveram a mesma linha partidária. Assim é que seu filho Antônio Severiano de Queiroz Totô, casado com a minha tia legítima Joana Ferreira de Queiroz, foi sempre Nogueira Accioly, por dezenas de anos. Accioly abandonou-o por novos amigos de maior prestígio, mas êle se manteve afastado das competições políticas. Não estêve mesmo com Franco Rabelo, casado com uma Queiroz, quando o Ceará quase todo era rabelista. Totô, no ostracismo, lia e relia dezenas e dezenas de cartas do próprio punho de Nogueira Accioly.

No verão de 1904 estávamos nós, meu irmão Frederico Facó e eu, na fazenda Olinda, no sertão do Sitiá, residência de Totô. Realizou-se a essa época, no Ceará, a eleição de Senador da República. Era candidato oficial o Dr. Pedro Augusto Borges, que ia ocupar o lugar de Nogueira Accoly, que a 12 de julho havia assumido o cargo de Presidente do Estado. Queiroz Totô trabalhava por Pedro Borges. Um dia chegou em casa à meia noite. Vinha do saco da Serra Azul. Frederico e eu abrimos-lhe a porta, de vez que dormíamos na sala de visita. Totô,

quando descia do cavalo, pisou em falso e caiu, queda sem conseqüências. Frederico falou assim: "Também você a estas horas ainda fazendo política!"

Era assim o sertão violento, destemido, opulento e bom dos nossos antepassados...